

ENTREVISTA

Prof. Dra. Carmen Lícia Palazzo

InterAção — Como avalia a produção brasileira no campo da História Cultural, no que tange ao imaginário ocidental sobre o Oriente, em especial sobre a China e o mundo islâmico?

Carmen L. Palazzo — Os estudos que tratam do imaginário ocidental sobre o Oriente são muito dispersos e em geral ocorrem a partir de opções individuais dos pesquisadores brasileiros, sem o amparo de linhas de pesquisas específicas nas nossas universidades. No caso da China, muitas das dissertações de mestrado e teses de doutorado têm como foco a economia, as relações econômicas e políticas, sem referências importantes e consistentes à elaboração de imagens, o que seria fundamental até mesmo para poder identificar algumas ideias preconcebidas sobre aquele país. Sempre insisto que não podemos entender os comportamentos atuais da sociedade chinesa sem levar em conta o fato de que a história da China é de uma continuidade milenar, largamente ancorada no taoísmo e no confucionismo e que, portanto, se faz necessário o aporte do instrumental da História Cultural para as análises, mesmo que estas sejam de cunho político ou econômico.

Quanto ao mundo islâmico, observo que grande parte das pesquisas no Brasil referem-se na sua quase totalidade ao Oriente Médio que, deixamos claro, é predominantemente, mas não exclusivamente muçulmano. Muitos trabalhos tratam da problemática israelo-palestina, da invasão americana do Iraque, das crises do petróleo, dos refugiados da guerra da Síria, das exportações brasilei-

ras de carne “halal”, sem que sejam estudadas as imagens que o Ocidente tem construído sobre o Islã e a influência do imaginário na tomada de decisões da parte de algumas lideranças.

Para que tenhamos estudos mais aprofundados que considerem o imaginário ocidental sobre o Oriente, deveríamos desenvolver este tema enfatizando o encontro entre culturas, o que não tem sido feito entre nós. Ou tem sido feito muito raramente. Predominam, nas universidades brasileiras e em especial nos cursos de História e de Relações Internacionais, as questões políticas e econômicas, com ênfase bastante limitada na análise da alteridade, das visões do Outro. Um exemplo pontual sobre a negligência com temas importantes é o da grande riqueza cultural da Espanha no período de domínio islâmico, período que sequer é estudado na maioria dos cursos de História em nossas universidades e muito menos nas disciplinas de História das escolas brasileiras. Trata-se de uma lacuna grave, já que somos também herdeiros de tão fecundas raízes. Sem tais estudos, vemos muitas vezes o Islã como algo distante e pertencente apenas ao Oriente.

IA — Podemos afirmar que “Mil e Uma Noites” ainda é um marco no imaginário ocidental sobre o Oriente, em especial sobre o mundo islâmico?

CLP — Sem dúvida trata-se de um marco importante, pois a obra foi muito difundida principalmente na Europa, muitas vezes em edições parciais e nem sempre fiéis aos originais (que estão re-

presentados em mais de uma versão, mesmo árabe). A tradução mais difundida no Ocidente é a que foi realizada por Antoine Galland e que data do período entre 1704 e 1717. Galland fez significativas alterações no texto do original que lhe serviu de referência, com exclusões e acréscimos, portanto o seu trabalho é uma fonte importante sobre o próprio imaginário ocidental, para analisar e entender o Oriente justamente como ele era visto pelo século XVIII europeu. Já no século XIX, Richard Francis Burton, explorador, orientalista, geógrafo e diplomata fez uma tradução bastante completa das “Mil e Uma Noites”, com muitas notas suas sobre as passagens de conteúdo erótico. Igualmente, podemos dizer que trata-se de uma fonte preciosa para entender o imaginário europeu sobre o Oriente, no caso de Burton em plena era vitoriana. Eu gostaria de acrescentar que no Brasil temos uma tradução de alta qualidade das “Noites”, realizada por Mamede Mustafa Jarouche, professor da USP e um grande pesquisador e tradutor da literatura árabe. A sua tradução representa também um excepcional trabalho de pesquisa das fontes.

IA — Vivemos a era do mundo pós-ocidental? O irresistível domínio chinês sobre o campo econômico e tecnológico já é superior ao mundo ocidental?

CLP — O professor Oliver Stuenkel, da Fundação Getúlio Vargas, tem se debruçado exaustivamente sobre as questões relativas ao mundo pós-

ocidental, que é o tema central de uma importante obra sua. Tendo a concordar sobre as considerações do professor Stuenkel acerca da nova ordem global e sobre o papel importante das potências emergentes. No momento atual eu acrescentaria que, só em 2021, depois que a pandemia do Covid-19 tiver sido superada, é que poderemos ter um cenário mais claro sobre os novos posicionamentos, principalmente da China e dos EUA. Acredito que os chineses tenham todas as condições, inclusive de disciplina e de avanços na área educacional, para que possam sair dessa pandemia aptos a se recuperar dos problemas que ela vai causar para todos. Por enquanto, podemos fazer apenas previsões que talvez venham a se mostrar imperfeitas, mas acredito que a China é justamente o país que está mais apto a superar o golpe do Covid-19. Se for assim e se os EUA continuarem com a assustadora perda de empregos que tem sido registrada até o momento (maio de 2020), não me parece exagero dizer que a China tenderá a ocupar uma posição ainda mais relevante no cenário mundial. Sobre os países europeus, poderíamos ter esperado uma razoável solidariedade entre eles durante os piores momentos da pandemia, porém vimos diversas atitudes extremamente nacionalistas e tendentes ao fechamento, em vez de uma abertura para os problemas do bloco. Todas estas são variáveis a serem levadas em conta para futuras análises sobre estes tempos de acentuada crise.

SOBRE A ENTREVISTADA:

A Prof^ª Dr^ª Carmen Lícia Palazzo é historiadora e economista, graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutora e mestre em História pela Universidade de Brasília, UnB, com cursos de especialização na Itália, na França, no Uruguai e nos Estados Unidos. Membro da “International Society for Iranian Studies” e da Associação Brasileira de Estudos Medievais, ABREM. Membro do grupo de pesquisa “A Rota da Seda na Antiguidade”, da Universidade de Brasília, UnB. Foi pesquisadora visitante da Georgetown University (Washington, DC) no ano letivo de 2002/2003 e foi também professora do Curso de Graduação em História do UniCeub. Atualmente ministra módulos de História em cursos de pós-graduação lato sensu do Uniceub e cursos sobre China e Oriente Médio para grupos fechados diversos. É pesquisadora de História Cultural, com ênfase em questões de alteridade, relatos de viajantes, olhares europeus sobre o Brasil e de ocidentais sobre o Oriente, em especial da China e do mundo islâmico. Pesquisas em andamento: 1) a presença dos Jesuítas na China, entre os séculos XVI e XVIII; 2) a Espanha Islâmica.